



**Academy of  
Democratic  
Modernity**

**A teoria da modernidade  
democratica como guia  
para construir um novo  
internacionalismo**







# **A teoria da modernidade democrática como guia para construir um novo internacionalismo**

**Confederalismo Democrático Mundial:  
uma alternativa política à modernidade  
capitalista**

email: [info@democraticmodernity.com](mailto:info@democraticmodernity.com)  
website: <https://democraticmodernity.com/>

A saída da crise global requer uma ação global. Sob a hegemonia dos monopólios financeiros mundiais, o sistema capitalista está passando por uma crise geral em escala internacional. Isso ocorre simultaneamente à existência de crises específicas, como a social e a ecológica. Para superar essa crise histórica com base na liberdade, igualdade e democracia, as forças políticas cujas ações e convicções se baseiam nesses valores devem agir de forma decisiva, responsável e global. As forças democráticas e antissistema devem desenvolver e implementar conjuntamente formas de ação e organização globais, sistêmicas e estruturais para um mundo mais seguro, pacífico, ecológico e justo.

Em muitos de seus livros, o principal teórico e líder do Movimento pela Liberdade do Curdistão, Abdullah Öcalan, destaca que, com o colapso do socialismo real no início da década de 1990, começou um processo de desintegração do sistema capitalista: “As políticas de terror, o desemprego em massa, a diminuição do trabalho, a indução da sociedade ao rebanho, a industrialização do sexo, da arte, dos esportes, a extensão do poder até os vasos capilares da sociedade são sinais de esgotamento do sistema”<sup>1</sup>. Existem diferenças claras e qualitativas entre as crises anteriores da modernidade capitalista e a crise atual, que também podemos chamar de *intervalo de caos*<sup>2</sup> ou Terceira Guerra Mundial. O sistema capitalista conseguiu se restabelecer e sair fortalecido após as duas primeiras grandes crises que seguiram as guerras mundiais da primeira metade do século XX. Em geral, o sistema superou suas crises de duas maneiras: reforçando continuamente seu poder e ampliando o aparato repressivo do estado-nação (guerras de todos os tipos, prisões, manicômios, hospitais, centros de tortura e guetos), acompanhados de genocídios

1 Abdullah Öcalan (2018), *Civilización capitalista: la era de los dioses sin máscara y los reyes desnudos*, p. 361.

2 Abdullah Öcalan descreve um intervalo de caos como o caldo de cultura necessário para que ocorram mudanças, como novas formas, novos tipos e novas estruturas no âmbito dos fenômenos. Nesse momento, os aspectos contraditórios de um fenômeno já não são capazes de manter nem sua inter-relação nem a estrutura existente. A forma torna-se incapaz de preservar a essência; torna-se insuficiente, estreita e destrutiva. Nessa situação, testemunharemos um processo de desintegração, surgindo a combinação que chamamos de “caos”. A essência foi libertada de sua antiga forma, mas ainda não alcançou uma nova. A velha forma fragmentada não pode fazer mais do que fornecer material que pode ser usado para construir uma nova forma. Em *Beyond State, Power and Violence* (versão em inglês publicada em 2022), Öcalan analisa detalhadamente os sinais de desintegração do sistema capitalista junto com sua contraparte desde a década de 1990. O livro citado ainda não foi publicado em português, portanto as notas de rodapé e a numeração das páginas são baseadas na versão em inglês.

e sociocídios perigosos; ou pelos aparatos da ideologia hegemônica liberal, que evolui continuamente assimilando novos elementos, incluindo os das forças antissistema. O liberalismo é o núcleo ideológico que integra o nacionalismo, a religiosidade, o cientificismo e o sexismo. Suas ferramentas são escolas, quartéis, locais de culto, meios de comunicação, universidades e, mais recentemente, plataformas de internet. Também podemos acrescentar as artes, que se tornaram industrialização da cultura. Até mesmo o cientista mais comum concordaria que ambos os enfoques se desenvolveram a partir de um regime de crise e não foram iniciados como uma maneira de alcançar soluções. As crises que antes eram excepcionais se generalizaram e estabilizaram, enquanto os períodos de “normalidade” se tornaram exceção. As sociedades, se quiserem sobreviver, não podem suportar esse regime por muito tempo. Ou entram em decadência e se desintegram, ou resistem e desenvolvem novos sistemas, superando assim a crise. Estamos em um período com essas características.

Neste intervalo de caos, as relações sociais que surgem da crise são determinadas pelas forças envolvidas. Há uma complexa mistura de relações e contradições entre a reestruturação do sistema dominante e as lutas de reorganização das forças democráticas e antissistema. No livroto *“Oportunidades y peligros de la Tercera Guerra Mundial”*<sup>3</sup>, delineamos os principais cenários nos quais as forças estatais propagam e enfrentam o caos. Com isso, pretendemos fornecer uma descrição política realista da situação para as forças da modernidade democrática.

Enquanto esses debates sobre a crise continuam tanto no âmbito das forças da modernidade capitalista como na oposição ao sistema, torna-se cada vez mais urgente para as forças da modernidade democrática estabelecer uma alternativa. Öcalan argumenta que a principal razão para essa falta de despertar dentro das forças antissistema é que ainda não completaram a revolução paradigmática necessária. E, conseqüentemente, não desenvolveram ainda a força suficiente em termos de análise, organização e ação. A seguir, apresentaremos o sistema alternativo da modernidade democrática e elaboraremos seu significado como nova escola de ciências sociais. Com uma definição do “Confederalismo Democrático Mundial”, ilustraremos os princípios para um novo internacionalismo e descreveremos as tarefas concretas para a construção da modernidade democrática.

3 ADM (2022), *Oportunidades y peligros de la Tercera Guerra Mundial*. Em: <https://democraticmodernity.com/es/oportunidades-y-peligros-de-la-tercera-guerra-mundial/>

## A necessidade de renovação da oposição ao sistema

3

O exame das experiências revolucionárias do século XX desempenha um papel importante na filosofia e política do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e de Abdullah Öcalan. Isso se deve ao fato de que as diversas forças antissistema têm influenciado nossa época tanto quanto o sistema da modernidade capitalista. Embora essas forças não tenham sido capazes de moldar sistemas verdadeiramente independentes na teoria e na prática, sem dúvida, possuem uma vasta experiência. Portanto, a incorporação do socialismo real, da socialdemocracia e dos movimentos de libertação nacional à modernidade capitalista também teve um efeito profundo e negativo sobre os opositores do sistema. Os movimentos sofreram uma perda de poder. Seguem em uma profunda crise de confiança. Segundo Öcalan, as principais razões dessa fraqueza são as próprias insuficiências estruturais das forças antissistema e uma perspectiva ideológica e programática errônea. Recentemente, surgiram movimentos pós-modernos, feministas e ecologistas em resposta a esses eventos. Suas posições ideológicas e práticas atuais levantam dúvidas sobre sua eficácia em comparação aos opositores antigos do sistema. Nesse contexto, Öcalan aponta que a oposição ao sistema precisa de “uma renovação intelectual, moral e política radical”<sup>4</sup>.

A oposição ao sistema e uma intervenção democrática internacional nessa fase de crise do sistema são mais necessárias do que nunca, principalmente porque os problemas sociais se agravam cada vez mais. A modernidade capitalista tem sido o fator central de todas as distorções e crises econômicas, incluindo a fome, a pobreza, os desastres ambientais, as divisões de classes sociais e políticas, o poder, a urbanização extrema e todas as doenças que dela decorrem, as contorções ideológicas - e a feiura particular resultante da distorção das artes - e o empobrecimento e a decadência moral que surgiram nos últimos quatrocentos anos.

No entanto, tanto a esquerda do passado, que deu origem ao socialismo real, como a Nova Esquerda, os movimentos ecologistas e feministas mais recentes, assim como os Fóruns Sociais Mundiais, estão longe de ser capazes de captar e superar o caos. Aqui, Öcalan se pergunta: “Que tipo de mundo o ‘clube dos ricos’ - o Fórum Econômico Mundial de Davos - e o ‘clube dos pobres’ - os Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre - visualizaram? Esses debates superficiais nunca foram

4 Abdullah Öcalan (2020), *The Sociology of Freedom*, p. 285. O livro ainda não foi publicado em português, portanto as notas de rodapé e a numeração das páginas são baseadas na versão em inglês.

além das necessidades do momento”<sup>5</sup>. Atesta a falta de uma visão de futuro sistemática e teórica de ambas as partes como a razão central dos debates limitados. Segundo Öcalan, os partidários da liberdade e da igualdade não possuem nem o conhecimento nem as estruturas necessárias para transformar com sucesso a crise em um despertar democrático, sustentável e libertador.

### **A delimitação do Estado e do poder como requisito teórico básico**

Por isso, Öcalan aponta que há uma urgência de um intenso debate sobre as perspectivas teóricas gerais e as táticas locais específicas necessárias para uma sociedade mundial democrática e ecológica que inclua a libertação das mulheres e soluções multiculturais, sem ignorar os movimentos mencionados anteriormente. Com seus escritos de defesa redigidos na ilha-prisão de Imrali, Öcalan enfrenta o desafio de encontrar respostas para essas questões: “Tanto a grave situação do povo curdo, que espera uma solução global e factível, e para cujas expectativas temos que estar absolutamente à altura, como os problemas enfrentados pelo PKK, que assumiu a responsabilidade de liderar o povo, exigiram que eu encontrasse a capacidade de exposição e os instrumentos estruturais necessários para uma solução satisfatória. Ao enfrentar essa responsabilidade, sou plenamente consciente da necessidade de agir em nome de uma opção transnacional para todos os povos, enquanto lutamos em nome de nosso próprio povo”<sup>6</sup>.

Em seu livro *Beyond State, Power and Violence*, Öcalan afirma que o primeiro requisito básico para o desenvolvimento de perspectivas teóricas gerais é “dizer adeus às velhas teorias e táticas que se concentram no poder dominante e em encontrar uma solução ‘destruindo ou tomando o Estado’”<sup>7</sup>. Como perspectiva fundamental, formula “revelar a consciência e a vontade do povo e de todos os grupos que o constituem a partir de sua identidade própria e sua cultura, e investigar, organizar e colocar em prática soluções locais e transnacionais”<sup>8</sup>. Para isso, propõe o desenvolvimento de uma organização democrática da sociedade em forma de “extensa rede social como órgão fundamental da autoridade local, desde o movimento democrático municipal até as comunas de povo e de bairro, das cooperativas até as amplas organizações da sociedade

5 Abdullah Öcalan (2022), *Beyond State, Power and Violence*, p. 90.

6 Ibid., p. 90-91.

7 Ibid., p. 208.

8 Ibid., p. 208.

civil, dos direitos humanos até os direitos das crianças e dos animais, da liberdade da mulher até as organizações ecologistas e as organizações juvenis de vanguarda”<sup>9</sup>.

Para a coordenação ideológica, teórica e administrativa desse tipo de sociedade democrática, são necessários ao mesmo tempo partidos políticos que se concentrem na política democrática. Sem o desenvolvimento de partidos e alianças democráticas, a criação de uma sociedade liberada é inútil, segundo Öcalan. Partindo da autocrítica de que o partido se definiu de forma estatista e se considerou um meio para conseguir um Estado, Öcalan redefine o papel do partido na modernidade democrática: “Tem um programa que busca uma transformação democrática, livre e igualitária da sociedade, com uma estratégia comum para todos os grupos sociais que têm interesse nesse programa, baseada em uma ampla organização e em formas de ação adotadas por movimentos ecologistas, feministas e culturais, bem como por organizações da sociedade civil, sem descuidar da necessidade tática da legítima autodefesa. Nesse sentido, o partido é a organização líder desse tipo de movimento social”<sup>10</sup>.

Concebe os “congressos populares” de cada grupo de pessoas como a “máxima expressão da sociedade democrática e dos grupos políticos”. Esses congressos populares não são uma alternativa ao Estado, mas se recusam a se submeter a ele e, desde que seus princípios sejam preservados, estão abertos a compromissos. Öcalan explica o seguinte sobre a orientação dos congressos populares: “Um congresso popular é diferente de um partido. Nos partidos, o aspecto ideológico predomina, enquanto nos congressos populares o aspecto político tem prioridade. É a expressão da identidade de um povo desperto que reivindica seus direitos e luta por sua liberdade. É o órgão compartilhado de decisão e controle dos que desejam liberdade para o país e democracia para o povo, sem distinção de ideologia, classe, sexo, nacionalidade, opinião ou crença. Não é um parlamento ou um órgão legislativo clássico, mas é a força que pode tomar decisões que permitam ao povo viver livre e igual e que pode controlar a aplicação das leis. É ao mesmo tempo um órgão jurídico e político, o órgão supremo não estatal do povo. Não é um órgão estatal nem representa uma alternativa ao Estado. No entanto, é uma das instituições mais importantes entre aquelas que consideram critérios democráticos como a medida para abordar todos os problemas sociais de nosso tempo”<sup>11</sup>.

Além dessas perspectivas locais e regionais, Öcalan propõe, no contexto

9 Ibid., p. 208.

10 Ibid., p. 464.

11 Ibid., p. 493.

global geral, transformar o Fórum Social Mundial em uma plataforma supranacional para democracias locais, em um “Congresso da Democracia Global” dos povos, que não se baseia nos Estados. No contexto da luta pela liberdade no Curdistão, formula slogans supranacionais para o próximo período como “Curdistão democrático”, uma “Federação Democrática do Oriente Médio” e um “Congresso Mundial da Democracia”<sup>12</sup>.

### **O sistema alternativo e a sociologia da liberdade**

Abdullah Öcalan oferece uma resposta exaustiva à pergunta concreta “qual sistema alternativo?” em seu Magnum Opus de cinco volumes, *Manifesto por uma Civilização Democrática*. Em particular, no terceiro volume (The Sociology of Freedom), discute tanto em termos teóricos os princípios de um socialismo democrático para o século XXI, quanto a nível prático as tarefas para a construção da modernidade democrática. Partindo da premissa de que “é difícil desenvolver uma oposição significativa ao sistema sem projetos de futuros e sem uma análise correta do passado”<sup>13</sup>, ele desenvolve sua teoria e também assume o desafio de derivar dela princípios concretos para a prática política das forças antissistema.

Öcalan baseia sua análise e sistematização nos conceitos de “civilização democrática” e “modernidade democrática”. Insiste em que, na tentativa de não cair nos círculos viciosos anteriores, este é o método correto. Em relação à sua metodologia, Öcalan afirma que aplica à civilização a metodologia dialética utilizada por Karl Marx em *O Capital*: “Embora não rejeite completamente o método científico socialista, que baseia sua oposição ao sistema no conflito entre duas classes, reconheço que é uma parte muito limitada da história e que está longe de fornecer uma análise da sociedade. Tentei superá-lo com a ideia de um sistema civilizatório com cinco mil anos de idade, cujo desenvolvimento se assemelha ao fluxo de um riacho. Se procurarmos uma contradição dialética - e estou convencido de que isso é necessário - é essencial desenvolvê-la ao nível do sistema de civilização”<sup>14</sup>. Elabora seu enfoque do método marxista da seguinte forma: “Na verdade, como explicado em *O Capital*, a civilização polariza e cria grupos e oposições. Até mesmo a contradição burguesia-proletariado não é mais do que uma das muitas contradições criadas pela civilização. Nesse sentido, seria mais preciso interpretar meu trabalho não como uma oposição a Marx, mas como uma tentativa de complementar e

12 Ibid., p. 480.

13 Abdullah Öcalan (2020), The Sociology of Freedom, p. 283.

14 Ibid., p. 365-366.

---

desenvolver os pontos de vista e avaliações de Karl Marx com base em críticas sérias”<sup>15</sup>.

Portanto, para o desenvolvimento do paradigma e teoria de Öcalan, foi central a questão central de determinar o modelo fundamental, ou sobre qual modelo deveria ser estabelecida a análise da sociedade. Com base em sua crítica à falta de previsão teórica sistemática das forças democráticas e antissistema e na necessidade de um novo quadro teórico, a decisão crucial é qual das numerosas relações sociais tem importância crucial. “A unidade social escolhida terá sentido na medida em que explique a situação geral”<sup>16</sup>, explica Öcalan, acrescentando: “Meu verdadeiro problema era escolher uma unidade de análise histórica e social que fosse, ao mesmo tempo, holística e conclusiva”<sup>17</sup>.

Em seu livro *The Sociology of Freedom*, Öcalan descreve sua busca por uma unidade modelo adequada em várias obras filosóficas. Para isso, foram fundamentais Immanuel Wallerstein, Murray Bookchin, Fernand Braudel, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Mas Öcalan destaca André Gunder Frank como o pensador mais importante, que compilou as opiniões de vários pensadores em sua obra *O Sistema Mundial: quinhentos anos ou cinco mil?* Segundo Öcalan, todos os modelos existentes desses pensadores contêm muitos aspectos corretos, mas também falhas e lacunas, sobre as quais ele aprofunda. Uma das falhas fundamentais da obra de André Gunder Frank é que sua análise corre o risco de apresentar um ciclo fechado do qual pode parecer impossível sair: “No final, aborda os sistemas de poder hegemônicos como um destino ou, mais precisamente, não mostra dialeticamente uma saída”<sup>18</sup>. Por essa razão, Öcalan aponta que seu enfoque sociológico contém dimensões específicas próprias e é influenciado apenas em pequena medida pelos pensadores mencionados anteriormente.

Neste contexto, Abdullah Öcalan apresenta a opção da civilização democrática como modelo para uma abordagem sistemática, “um nome aparentemente simples que pode ser usado até que a denominação mais apropriada seja escolhida”<sup>19</sup>. A opção da civilização democrática oferece uma alternativa ao atual sistema de civilização mundial centralizada dominante. Ao mesmo tempo, fornece uma base muito ampla para uma revolução nas ciências sociais. Para Öcalan, a razão principal do fracasso de muitas estruturas proeminentes de ciências sociais opositoras -

15 Ibid., p. 366.

16 Ibid., p. 8.

17 Ibid., p. 10.

18 Ibid., p. 11.

19 Ibid., p. 12.

especialmente marxistas - foi que se baseavam em revoluções de ciências sociais que seguiam enraizadas na história do capitalismo e da acumulação de poder e, como resultado, não conseguiram desenvolver um sistema alternativo de civilização: “Sem dúvida, muitos dos aspectos que mencionamos aqui foram amplamente criticados, mas o próximo passo para incorporar essas críticas a uma unidade narrativa que possa abranger toda a história ainda está por ser dado. Não foi possível estabelecer uma compreensão do sistema mundial e, portanto, as narrativas sobre ele nunca foram além de esforços fragmentários”<sup>20</sup>.

Com o sistema da civilização democrática, Öcalan abandona o quadro das estruturas sociológicas predominantes, apoiando-se na sociologia da liberdade que acabou de fundar. Esta sociologia lhe oferece a possibilidade de questionar a civilização e modernidade capitalistas e, ao mesmo tempo, pensar em termos de civilização e modernidade democráticas. “Sem estabelecer minha compreensão das ciências sociais, não teria sido capaz de lidar com outros temas desafiantes”<sup>21</sup>, explica Öcalan, enfatizando que o objetivo final das ciências sociais deve ser “desenvolver a opção da liberdade”<sup>22</sup>. Assim, Öcalan define a sociologia da liberdade como uma ciência social e um trabalho sociológico que “se preocupa com a resolução de problemas e com a promoção de uma consciência de vida”<sup>23</sup>, já que “resolver problemas é garantir a liberdade”<sup>24</sup>. Como a retórica do socialismo científico já se tornou muito restrita para Öcalan, aborda as ciências sociais com especial atenção em seu *Manifesto por uma Civilização Democrática* e conclui: “As ciências sociais que interpretam a consciência de vida como liberdade, e a verdade como exploração da liberdade, fornecem um guia indispensável para a iluminação e o desenvolvimento da sociedade moral e política”<sup>25</sup>.

Manter um pensamento independente das ciências sociais ocidentais é identificado como criticamente importante para isso, já que “as ciências sociais eurocêntricas realmente cheiram a dominação”<sup>26</sup>. Segundo Öcalan, a realidade social é diferente daquela descrita pelas ciências sociais eurocêntricas. Isso se deve ao fato de que os paradigmas científicos eurocêntricos se desconectaram da sociedade e aqueles que se ocupam do conhecimento e da ciência adotaram predominantemente

20 Ibid., p. 14.

21 Ibid., p. 365.

22 Ibid., p. 372.

23 Ibid., p. 372.

24 Ibid., p. 372.

25 Ibid., p. 365.

26 Ibid., p. 45.

9

a perspectiva do capital e do poder. Enquanto a ciência produz poder e capital na modernidade, o capital e o poder se apropriaram da ciência: “A ruptura de todos os laços entre ciência, moral e política abriu amplamente a porta para a guerra, conflitos, batalhas e todo tipo de exploração. De fato, a história da Europa se tornou a história das guerras mais intensas. O papel atribuído à ciência tem sido até agora se concentrar em inventar instrumentos de guerra perfeitos para garantir a vitória”<sup>27</sup>. Consequentemente, um paradigma científico social significativo (uma filosofia da ciência civilizatória radicalmente anti-hegemônica) só pode se desenvolver liberando-se dos obstáculos do positivismo e do eurocentrismo. Ao mesmo tempo, Öcalan adverte que, na exploração da verdade, o antieuropeísmo extremo pode levar a resultados tão negativos quanto os derivados da adoção absoluta do europeísmo: “O antieuropeísmo também faz parte do pensamento eurocêntrico”<sup>28</sup>. Portanto, não há como evitar compreender e apropriar-se das conquistas positivas e das partes da verdade da ciência eurocêntrica, especialmente das ciências sociais. Consequentemente, Öcalan desenvolve sua posição partindo da premissa de que a Europa está no Oriente e o Oriente na Europa, consciente de valores que possuem algum elemento de universalidade.

Outra crítica e observação central de Öcalan é o caráter sexista da ciência em geral. As ciências sociais são caracterizadas por um discurso masculino que obscurece e encobre a situação real das mulheres. Dentro de sua sociologia da liberdade, Öcalan propõe a “*Jineoloji*”<sup>29</sup> (ciência das mulheres). Uma vez que as mulheres constituem a maior parte da natureza social, tanto materialmente quanto em termos de centralidade, também deveriam ser objeto da ciência: “Enquanto a natureza da mulher permanecer na escuridão, será impossível iluminar a natureza social como um todo. Uma iluminação autêntica e completa da natureza social só é possível através de uma elucidação realista e abrangente da natureza da mulher. Uma revelação da condição da mulher que inclua a história da sua colonização e abranja os aspectos econômicos, sociais, políticos e intelectuais desta colonização contribuiria enormemente para a iluminação de outras questões históricas e de todos os aspectos da sociedade contemporânea”<sup>30</sup>.

27 Ibid., p. 323.

28 Ibid., p. 46.

29 Veja mais informações sobre *Jineoloji* em: <https://jineologi.org>

30 Ibid., p. 295.

## Uma nova escola de ciências sociais: O sistema de civilização democrática

Junto ao marxismo como escola ou ciência social, e muitas outras correntes de ciência social crítica, como a Escola de Frankfurt e a Escola dos Annales, “a escola de ciência social que postula a análise da existência e do desenvolvimento da natureza social com base na moral e na sociedade política poderia ser definida como um sistema civilizatório democrático”<sup>31</sup>.

Cada uma das diferentes escolas de ciências sociais é baseada em diferentes unidades de análise. Os enfoques desenvolvidos a partir da unidade mais conhecida e utilizada, ou seja, o Estado em geral e o Estado-nação em particular, são baseados mais na perspectiva burguesa da classe média. Por outro lado, os marxistas escolhem a classe e a economia como a unidade sociológica básica e, portanto, querem desenvolver seus próprios modelos como alternativa ao enfoque baseado na unidade “Estado” como ponto de referência. A teologia e a religião têm como objeto a sociedade, enquanto o ponto de referência do liberalismo é o indivíduo. Também encontramos escolas de pensamento que interpretam a história e a sociedade apenas a partir da perspectiva daqueles que estão no poder e na autoridade governamental. No entanto, embora existam escolas que fazem do poder o objeto de estudo, também existem vários enfoques em que as civilizações desempenham o mesmo papel. Todos esses enfoques, que partem de uma determinada unidade ou referência, são criticados por Öcalan por não serem nem históricos nem holísticos.

De acordo com Öcalan, uma análise significativa deve se concentrar no “que é crucial do ponto de vista da sociedade, tanto em termos históricos quanto atuais”<sup>32</sup>. Identificar a unidade fundamental do quadro analítico da escola de ciências sociais da civilização democrática em termos da sociedade moral e política é significativo, porque abrange as dimensões de historicidade e integralidade: “A sociedade moral e política é a expressão mais histórica e holística da sociedade. A moral e a política em si mesmas podem ser entendidas como história. Uma sociedade que tem uma dimensão moral e política é uma sociedade que está mais próxima da totalidade de toda a sua existência e desenvolvimento. Uma sociedade pode existir sem o estado, a classe, a exploração, a cidade, o poder ou a nação, mas uma sociedade desprovida de moral e política é impensável. [...] Ao longo do meu trabalho, escolhi a sociedade moral e

31 Ibid., p. 135.

32 Ibid., p. 135.

política, que considero o próprio estado de existência da natureza social, e que tentei identificar e definir, como minha unidade fundamental de pesquisa”<sup>33</sup>. Öcalan, portanto, define a civilização democrática como um “sistema de pensamento, a acumulação de pensamento e a totalidade de regras morais e órgãos políticos”<sup>34</sup>.

A civilização democrática não é apenas uma utopia presente e futura; também parece muito necessária e altamente explicativa para uma interpretação mais concreta da sociedade histórica. A mudança metodológica básica do paradigma histórico de Öcalan começa a partir do ponto em que “o monopólio de capital e poder baseado na cidade não poderia ter se desenvolvido sem a sociedade agrária-rural (10.000 a.C. até hoje)”<sup>35</sup>. Segundo Öcalan, esta sociedade pré-capitalista é composta principalmente pela “sociedade histórica agrária-rural, a sociedade das mulheres confinadas em suas casas, dos artesãos que vivem do seu próprio trabalho, das pessoas pobres e desempregadas da cidade (que vivem de subsídios)”<sup>36</sup>. Se olharmos para a realidade desta forma, podemos analisar melhor nossa civilização de cinco mil anos e, especificamente, seus últimos quatrocentos anos de sistema mundial capitalista, seu período mais sistematizado. Muito provavelmente, a formação (aristocracia, senhorios, burguesia) que se organizou usando o capital e o poder ao longo da história nunca superou dez por cento da população. Portanto, o corpo principal da sociedade sempre esteve acima de noventa por cento da população. A pergunta fundamental que surge e deve ser respondida é, segundo Öcalan, qual é a metodologia mais correta empregada: É mais científico e correto fazer história e sistematizar esses dez por cento, tornando-os o principal objeto de pensamento, em detrimento dos noventa por cento?<sup>37</sup>

Apesar de a história da civilização democrática ainda não ter sido escrita, isso não significa que ela não exista. A ideologia da civilização democrática permaneceu até agora fraca e não sistematizada, em parte devido ao fato de que as civilizações oficiais utilizam o poder, o capital e os monopólios militares interligados com a hegemonia ideológica, e também porque as forças da civilização democrática foram reprimidas, enganadas e destruídas repetidamente por esses mesmos poderes. Assim, Öcalan estabelece que a tarefa intelectual prioritária é dar à

33 Ibid., p. 135.

34 Ibid., p. 143.

35 Ibid., p. 148.

36 Ibid., p. 149.

37 Ibid., p. 149.

civilização democrática uma expressão social histórica<sup>38</sup>. Em “The Sociology of Freedom”, Öcalan escreve um primeiro esboço da história da civilização democrática e cita seus elementos sociais. Segundo ele, “a história da civilização democrática, em grande parte, é a história da resistência, da rebelião e da insistência na vida da sociedade moral e política das tribos e *aşirets* (federação tribal) em sua luta pela liberdade, democracia e igualdade diante dos ataques da civilização”<sup>39</sup>. Além disso, a civilização democrática contraria esses ataques com um sistema que não deve ser subestimado, embora não esteja completamente integrado: “Houve democracias da cidade (na Itália) e confederações (na Alemanha), rebeliões de camponeses e comunas, levantes e comunas (a Comuna de Paris), as experiências do socialismo real (em um terço do mundo), o processo de libertação nacional (desde seu não poder e modo de ser não estatal), numerosos partidos democráticos, sociedade civil e, recentemente, movimentos ecologistas e feministas, movimentos juvenis democráticos, festivais de arte e novos movimentos religiosos que não buscam o poder”<sup>40</sup>.

### **A modernidade democrática como um mundo próprio**

O que Öcalan chama de atitude “singularista” é o que domina todas as escolas de ciências sociais, seja de esquerda, de direita ou de centro. Esse método de ciência social procura não dar oportunidade a nenhum outro tipo de modernidade. Se há uma modernidade, então ela não tem precedentes; dois tipos de modernidade não podem existir simultaneamente. Com a sociologia da liberdade, Öcalan tenta romper essa compreensão de uma modernidade universal singular. Em suas explicações teóricas, ele demonstra passo a passo que “sempre existe uma alternativa à modernidade dominante e, apesar de todos os esforços para suprimi-la e disfarçá-la, continua existindo em todas as suas formas e conteúdos como um lado de um par de opostos dialéticos”<sup>41</sup>. Considerando que a dialética não funciona necessariamente através de polos opostos empenhados em destruir-se mutuamente, conclui que a civilização não é um processo monista, mas dicotômico, no desenvolvimento dialético majoritariamente não destrutivo da sociedade histórica. Öcalan enfatiza que não está nem redescobrimdo nem inventando a modernidade

38 Ibid., p. 207.

39 Ibid., p. 182.

40 Ibid., p. 153.

41 Ibid., p. 195.

democrática: “A modernidade democrática tem sido dicotômica desde o surgimento da civilização oficial, quando e onde quer que tenha surgido. O que estou tentando fazer, mesmo que apenas em termos gerais, é dar o devido reconhecimento a essa forma de civilização (a civilização democrática não oficial; o nome não é tão importante) que existe quando e onde existe a civilização oficial e esclarecer significativamente suas dimensões principais de uma maneira que desperte interesse. Além disso, tentarei compreender e definir suas formas básicas de mentalidade, estruturas e sociedade viva”<sup>42</sup>. Por sua vez, expressa sua incompreensão de que essa consequência natural do método dialético não tenha sido sistematicamente expressa nem lhe tenha sido dada voz ao longo da história da civilização. Houve uma falta de interesse no desenvolvimento e na realidade da sociedade moral e política, e no que constitui a natureza social, em comparação com os monopólios de capital centrados no poder de milhares de déspotas e imperadores.

Neste contexto, se “modernidade capitalista”, a era hegemônica do capitalismo, é um termo específico usado para definir os últimos quatrocentos anos da civilização capitalista clássica, então “modernidade democrática” pode ser usada para se referir aos últimos quatrocentos anos de civilização democrática. A modernidade democrática é vivida em todos os lugares e em todos os tempos como a antítese de onde existem as redes da civilização capitalista: “Sejam bem-sucedidas ou não, sejam livres ou escravizadas, sejam marcadas pela similitude ou diversidade, sejam próximas ou distantes da igualdade, sejam ecológicas e feministas ou não, tenham alcançado significância ou não - em resumo, sejam próximas às características da sociedade moral e política ou distantes delas - a modernidade democrática existe no coração da modernidade capitalista sempre e em todos os lugares”<sup>43</sup>. Enquanto a modernidade capitalista baseia sua existência no capitalismo, no industrialismo e no estatismo nacional, a modernidade democrática baseia seu contra-sistema na sociedade democrática (ou sociedade moral e política, comunidade democrática, socialismo democrático), na ecoindústria e no Confederalismo Democrático. Desenvolve sua alternativa por meio de suas características ecológicas e feministas que estão abertas a diversas estruturas políticas multiculturais, não monopolísticas, bem como com uma estrutura econômica que satisfaz as necessidades sociais básicas e é controlada pela comunidade. Öcalan contrasta e compara amplamente as diferenças entre a modernidade capitalista e a democrática e conclui que ambas as modernidades existem como dois mundos completos e diferentes.

42 Ibid., p. 200.

43 Ibid., p. 241.

## A forma política da modernidade democrática: o confederalismo democrático e suas características

O Confederalismo Democrático da modernidade democrática é a alternativa política ao Estado-nação da modernidade capitalista. O sistema confederal democrático também pode ser definido como uma forma de governo não estatal. Para isso, é fundamental a diferenciação entre democracia e estado: “O sistema democrático confederalista é a contraparte da modernidade democrática do Estado-nação, que constitui a forma estatal principal da modernidade oficial. Podemos defini-lo, então, como uma forma de governo político não estatal. É esta característica que torna o sistema tão específico. Não devemos confundir a direção democrática com a dos órgãos de administração do Estado. Os estados administram; as democracias governam. Os estados se fundamentam no poder, as democracias se fundamentam na aprovação coletiva. Nos estados, as imposições são essenciais; nas democracias, as eleições são centrais. Nos estados, a obrigação é essencial; as democracias se baseiam no voluntarismo”<sup>44</sup>.

Öcalan resume vários aspectos que caracterizam o Confederalismo Democrático e que também podem ser entendidos como princípios para as relações internacionais de solidariedade entre forças democráticas e antissistema. Com base nisso, a **primeira** característica do Confederalismo Democrático que ele menciona é sua abertura a diferentes estruturas políticas em múltiplos níveis. As estruturas políticas horizontais e verticais, assim como as estruturas políticas centrais, locais e regionais se relacionam entre si dentro de um equilíbrio. As culturas, as identidades étnicas e nacionais têm o direito natural de se expressar nas estruturas políticas. Em **segundo** lugar, o Confederalismo Democrático baseia-se na sociedade moral e política: “As formas sociais que consistem em projetos capitalistas, feudais, industriais, consumistas e outros modelos baseados em engenharia social são vistas no contexto dos monopólios capitalistas. Embora tais sociedades na verdade não existam, sua propaganda sim. As sociedades são basicamente políticas e morais. Os monopólios econômicos, políticos, ideológicos e militares são aparelhos que corroem a natureza fundamental da sociedade, buscando a mais-valia e os atributos sociais. Eles não têm valor intrínseco. Até mesmo uma revolução não pode criar uma nova sociedade. As revoluções só podem desempenhar um papel positivo como uma operação para restaurar o tecido moral e político gasto e ultrapassado

44 Ibid., p. 256.

para sua função adequada”<sup>45</sup>. Em **terceiro** lugar, ele baseia-se na política democrática, que é definida como a “verdadeira arte da liberdade”<sup>46</sup> e a “verdadeira escola onde se aprende e se vive a liberdade”<sup>47</sup>. Para isso, são fundamentais as estruturas dos conselhos onde ocorrem os debates e as decisões são tomadas: “Não há lugar para uma liderança que age como quer. Desde uma coordenação geral (assembleia, comissão, congresso) até as instâncias locais, a governabilidade democrática e a fiscalização dos assuntos sociais são realizadas por meio de um conjunto de instâncias que buscam a unidade na diversidade e são multiestruturadas de acordo com a composição de todos os grupos e culturas”<sup>48</sup>. Em **quarto** lugar, o Confederalismo Democrático baseia-se na autodefesa. Não como um monopólio militar, mas sob o estrito controle dos órgãos democráticos de acordo com as necessidades de segurança interna e externa da sociedade. A tarefa das autodefesas é validar a vontade da política democrática. Em **quinto** lugar, não há lugar no Confederalismo Democrático para a hegemonia de qualquer tipo, especialmente a hegemonia ideológica. As civilizações democráticas e a modernidade democrática não toleram os poderes hegemônicos e suas ideologias. A gestão coletiva dos assuntos sociais requer compreensão mútua, respeito pelas diferentes propostas e compromisso com a tomada de decisões democráticas. Embora os conceitos de governança relacionados à civilização clássica, à modernidade capitalista e ao estado-nação se sobreponham, existem diferenças importantes e contradições significativas entre esses conceitos e os adotados pela civilização e pela modernidade democráticas. Em poucas palavras, o que destaca as diferenças e contradições é a governança burocrática e arbitrária, por um lado, e a liderança moral democrática, por outro. Não pode haver hegemonia ideológica no Confederalismo Democrático, mas o pluralismo é válido, mesmo entre diferentes visões e ideologias. Enquanto não se desgasta a estrutura moral e política da sociedade e não se busca a hegemonia, toda opinião, ideia ou crença pode ser expressa livremente<sup>49</sup>. Por último, o sexto elemento, o Confederalismo Democrático “favorece uma União Confederal Democrática Mundial de sociedades nacionais, em contraposição à união de estados-nação sob o controle do poder superhegemônico nas Nações Unidas. Para um mundo mais seguro, mais pacífico, mais ecológico, mais justo e produtivo, precisamos de

45 Ibid., p. 219.

46 Ibid., p. 33.

47 Ibid., p. 33.

48 Ibid., p. 220.

49 Ibid., p. 221.

uma união fortalecida quantitativa e qualitativamente de comunidades muito mais amplas baseadas nos critérios da política democrática em uma Confederação Democrática Mundial”<sup>50</sup>.

### **O Confederalismo Democrático Mundial como uma nova forma de internacionalismo**

Apesar de vivermos atualmente a crise sistêmica e estrutural da hegemonia do capitalismo financeiro global, e de o sistema de estado-nação enfrentar sérios problemas, ele ainda representa o sistema mais forte no âmbito nacional, regional e global. Os estados-nação, que somam mais de duzentos, são representados por uniões regionais (como a União Europeia, mas também novas alianças) e globalmente pelas Nações Unidas.

Por outro lado, o sistema civilizatório democrático é inadequadamente representado por fóruns ambíguos e informais como o Fórum Social Mundial e por sindicatos de trabalhadores e povos sem poder de decisão. Öcalan descreve essa insuficiência como de natureza ideológica e estrutural, e propõe o desenvolvimento do “Confederalismo Democrático Mundial” para superá-la; ou seja, confederações democráticas locais e regionais com seus partidos políticos e instrumentos da sociedade civil<sup>51</sup>. Enquanto o paradigma da modernidade democrática é uma resposta às insuficiências ideológicas, o Confederalismo Democrático Mundial (entre outras institucionalizações enumeradas abaixo) é, acima de tudo, uma resposta aos problemas estruturais das forças da modernidade democrática em nível internacional.

As características anteriormente expostas do Confederalismo Democrático são princípios importantes para o internacionalismo da modernidade democrática. Por consequência, o Confederalismo Democrático Mundial inclui várias estruturas políticas horizontais e verticais, mas se opõe ao centralismo rígido, que Öcalan chama de “uma doença do pensamento do estado-nação”<sup>52</sup>. Dado que as sociedades e suas estruturas políticas não são homogêneas, mas são compostas por numerosas comunidades, instituições e diversidades, é dever do Confederalismo Democrático garantir e manter uma coexistência harmoniosa. Um governo extremamente centralista muitas vezes provoca estouros nas unidades democráticas. Nesse contexto, Öcalan se refere a exemplos históricos e

50 Ibid., p. 221.

51 Ibid., p. 153-154.

52 Ibid., p. 309.

destaca que “a razão principal da desintegração do socialismo real foi a rápida substituição do confederalismo, que ocupava um lugar destacado na agenda no início do experimento soviético russo, por um Estado centralizado. A razão pela qual os movimentos de libertação nacional falharam e se corromperam rapidamente está intimamente relacionada com o fato de que eles não desenvolveram o confederalismo e uma política democrática e confederal. A falta de sucesso dos movimentos revolucionários nos últimos duzentos anos também se deve ao fato de que eles consideravam que o estado-nação era mais revolucionário e viam o Confederalismo Democrático como uma forma política atrasada e, portanto, se opunham a ele”<sup>53</sup>. Os mesmos princípios de organização e governança que são fundamentais para todos os processos da modernidade democrática, portanto, se aplicam à construção do Confederalismo Democrático Mundial. “O centralismo rígido e uma cadeia de comando hierárquica na organização e administração são inimigos dos princípios organizacionais e de governo das unidades da modernidade democrática”, explica Öcalan<sup>54</sup>.

Por outro lado, “a política democrática é a forma de construir o Confederalismo Democrático”<sup>55</sup>. A política democrática oferece a cada identidade dentro e fora da sociedade a oportunidade de se expressar e se tornar uma força política. No mundo da modernidade democrática, a monocromia é considerada feia, tediosa e empobrecida. Já os multicores de um caleidoscópio estão associados à abundância, resiliência e beleza. Cada uma dessas unidades autônomas, desde as locais até as globais, têm a possibilidade de formar uma confederação. O elemento básico do local é o direito à livre discussão e ao direito à decisão. Uma funcionalidade política que vai da unidade local, onde a democracia direta é praticada e vivida, até a estrutura global pode ser chamada de política democrática. Öcalan exige pensar nas unidades federais de maneira muito integrada: “É importante compreender que até mesmo uma aldeia ou distrito precisará de unidades confederais, e cada aldeia e distrito pode facilmente ser uma unidade confederal. Por exemplo, várias unidades de democracia direta, da unidade ecológica (ou unidade federal) às unidades de mulheres livres, autodefesa, juventude, educação, folclore, saúde, apoio mútuo e até mesmo a econômica, devem se agrupar a partir da base do nível da aldeia. Podemos simplesmente chamar essa nova ‘unidade de unidades’ de unidade confederal (a unidade de unidades federais) ou união confederal. Se levamos o mesmo sistema aos níveis

53 Ibid., p. 259.

54 Ibid., p. 318.

55 Ibid., p. 258.

local, regional, nacional e global, podemos ver facilmente o quão integral é o Confederalismo Democrático”<sup>56</sup>.

Um pré-requisito central para a política democrática é ter um amplo campo de organização: “É importante lembrar sempre que a política democrática requer quadros, meios de comunicação, organizações de partidos políticos e organizações da sociedade civil competentes, bem como educação e propaganda contínuas”<sup>57</sup>. As características de uma política democrática bem-sucedida, que também são cruciais para o funcionamento interno da organização e da sociedade, incluem: respeito geral pela diversidade dentro da sociedade como base para a igualdade e reconciliação, debate aberto, rico e respeitoso, coragem política, priorização da moralidade, compreensão integral dos problemas em questão e uma compreensão tanto da história quanto do presente que assume uma abordagem holística e científica.

A dimensão da autodefesa, chamada de “política de segurança de uma sociedade moral e política”<sup>58</sup>, também é muito importante nesse contexto. Não significa simplesmente a defesa militar das sociedades, mas está ligado à proteção das identidades, à garantia da politização e à realização da democratização. Öcalan afirma: “Para cada rede hegemônica (monopólios comerciais, financeiros, industriais e ideológicos, bem como monopólios de poder e estado-nação), a modernidade democrática deve desenvolver as redes confederadas equivalentes de política democrática e autodefesa”<sup>59</sup>. No entanto, também podem surgir contradições e tensões dentro das estruturas internas da sociedade. Como as sociedades têm sido impregnadas por muito tempo de classe e poder, manterão suas características e abordagens orientadas para o poder tanto externa quanto internamente por muito tempo. Portanto, a autodefesa também continuará a ter um papel importante na agenda do Confederalismo Democrático (Mundial) por muito tempo.

### **O socialismo e o internacionalismo como forma de vida**

No Confederalismo Democrático não há espaço para lutar pela hegemonia em geral, e especialmente pela hegemonia ideológica. Mas o internacionalismo baseado no estado produziu novas formas de hegemonia. Em cada caso, a força antissistema que conseguiu se

56 Ibid., p. 260.

57 Ibid., p. 190.

58 Ibid., p. 190.

59 Ibid., p. 261.

19

tornar um Estado-nação, ou assumir o controle dos aparelhos estatais e de poder, assumiu simultaneamente o papel de vanguarda no campo do internacionalismo. A expectativa era impulsionar a revolução em escala mundial, ou seja, disseminar o internacionalismo. No entanto, o internacionalismo foi sacrificado aos mecanismos administrativos do estado-nação, o que o levou, com o tempo, a perder sua função e se integrar à hegemonia dos monopólios do capital e do poder. As revoluções chinesa e russa se desenvolveram de acordo com essas abordagens. Em última análise, sua política não se baseava mais nos princípios do internacionalismo revolucionário, mas nos interesses do estado-nação, um pilar central da modernidade capitalista.

Na teoria da modernidade democrática, o internacionalismo adquire um novo significado. A modernidade democrática ou sua forma de governo confederalista democrático impede ativamente a formação da hegemonia. No sistema do Confederalismo Democrático, só devem surgir relações e alianças baseadas na solidariedade sobre a base da liberdade social, igualdade e democracia. A compreensão do internacionalismo na teoria da modernidade democrática supera a limitação local e temporal do socialismo, ou seja, a focalização do sujeito revolucionário em uma região ou grupo social. “Em vez de ver o socialismo apenas como um projeto ou programa para o futuro, é necessário concebê-lo como uma forma de vida moral e política que liberta o presente, luta pela igualdade e justiça e tem valor estético. O socialismo é uma forma de vida consciente que expressa a verdade”, como explica Öcalan<sup>60</sup>.

Onde quer que o sistema do Confederalismo Democrático se desenvolva ou que se forme uma organização social democrática como alternativa ao Estado, poderão ser estabelecidas relações de solidariedade. Isso é sinônimo de uma nova forma de internacionalismo. Este é um internacionalismo que não pretende tornar os outros dependentes de si ou expandir sua própria hegemonia, mas é verdadeiramente internacionalista. O internacionalismo já não é mais uma atividade limitada a uma fase revolucionária. A composição de forças e grupos sociais antissistema e democráticos que dependem da solidariedade internacional é rica e diversa. Consequentemente, o internacionalismo não pode ser limitado à classe trabalhadora de uma nação. Nesse sentido, Öcalan também redefine os sujeitos da revolução e da libertação ou os elementos da civilização democrática. Enfatiza que os artesãos, trabalhadores, desempregados e autônomos que vivem de seu próprio

60 Abdullah Öcalan, *The Kurdish Question and the Democratic Nation Solution: Defending the Kurds in the Clamp of Cultural Genocide* (Quinto volume do Manifesto da Civilização Democrática; ainda não traduzido do turco).

trabalho devem ser aceitos como pioneiros e atores iguais do socialismo e da revolução. Öcalan se refere até a um “mar de forças democráticas”<sup>61</sup> no qual as mulheres, em particular, como a colônia mais antiga, formam a coluna vertebral da sociedade.

Assim, o internacionalismo não é uma aliança que se constrói ou desenvolve apenas em conferências e reuniões internacionais, como acontecia no passado. O internacionalismo é, em última análise, uma atitude prática e uma forma de viver a própria vida, que não pode ser adiada para o futuro. É uma relação que é estabelecida em todos os momentos, não apenas em tempos de guerra, ou quando há ameaça de guerra, ou em tempos de crise econômica. É uma forma moral e política de vida e coletividade entre todos os participantes. É uma relação que surge nas comunidades e conselhos. Não é relevante apenas para momentos críticos e difíceis. Vive-se onde e quando as pessoas envolvidas precisam. Se as forças da modernidade democrática conseguirem se aproximar e construir relações entre si com base na compreensão do internacionalismo da modernidade democrática, pode surgir uma força internacionalista e uma institucionalização a longo prazo que possa fornecer uma alternativa à modernidade capitalista e desenvolver abordagens para solucionar os problemas sociais específicos de cada país.

### **Confederalismo Democrático Mundial das Mulheres e Confederalismo Democrático de Jovens**

A auto-organização e a consciência das mulheres e dos jovens são a base de uma sociedade moral e política. Portanto, o sistema do Confederalismo Democrático inclui a possibilidade de as mulheres e os jovens representarem ativamente e de forma autodeterminada a sua vontade em todos os assuntos e campos sociais e políticos. São as forças motrizes da construção do Confederalismo Democrático. Como movimentos integrais, estão desenvolvendo suas próprias estruturas autônomas dentro deste quadro: o Confederalismo Democrático mundial das mulheres e o Confederalismo Democrático dos jovens.

Partindo da análise de que o século XXI é o século da revolução feminina através da crescente luta das mulheres, a questão de um novo internacionalismo no século XXI também é central para o movimento de mulheres curdas. Neste sentido, o Confederalismo Democrático Mundial das Mulheres é definido como uma forma “de construir um sistema político mundial de mulheres, cujo objetivo primordial é encontrar soluções para

61 Abdullah Öcalan (2020), *The Sociology of Freedom*, p. 172.

21

todas as questões que afetam as mulheres, reforçando coletivamente seu poder de pensamento, determinação e ação”. Isso significa que o confederalismo mundial das mulheres seria uma estrutura política na qual as mulheres organizadas pensariam juntas sobre os ataques patriarcais e as possibilidades de realização da libertação da mulher, participariam na produção teórico-intelectual, fariam observações, elaborariam soluções, tomariam e aplicariam decisões conjuntas”<sup>62</sup>. Öcalan atribui um papel principal na solução dos problemas da sociedade ao “movimento democrático de liberdade e igualdade das mulheres, baseado na ciência das mulheres, que inclui o feminismo”<sup>63</sup>.

Além disso, também considera que um movimento juvenil democrático “garante o sucesso na luta geral por uma sociedade democrática”. Um movimento social que carece da dinâmica da juventude só tem possibilidades limitadas de sucesso. Neste contexto, Öcalan menciona a compreensão da situação caótica e da crise final do sistema capitalista e a internalização dos valores da democracia, libertação da mulher e da sociedade ecológica como condições para um despertar juvenil. A participação juvenil também prevê a construção de um sistema autônomo, com um confederalismo juvenil democrático que contribua para a construção da modernidade democrática.

### Tarefas para a construção da modernidade democrática

Enquanto o capitalismo tenta preservar seu poder nas condições da crise mundial com base na reconstrução ou restauração do Estado-nação, a tarefa fundamental de todas as forças da modernidade democrática é responder à crise construindo um sistema confederal democrático. Esse sistema tem como objetivo defender e fortalecer a sociedade moral e política. Öcalan também se refere a esse desafio como a reconstrução das unidades da modernidade democrática. Por unidades, entende comunidades, indivíduos e movimentos que são conscientes de que se opõem ao sistema e vivem em consequência: “Essas existências, que constituem a imensa maioria da natureza social, infelizmente subsistem como forças qualitativas muito mais fracas do que seu número. Portanto, em primeiro lugar, a reconstrução deve visar o objetivo de que as

62 Meral Çiçek (2022), Por um Novo Internacionalismo das Mulheres: Confederalismo Democrático Mundial das Mulheres. Recuperado de: <https://democraticmodernity.com/blog/for-a-new-internationalism-of-women-democratic-world-womens-confederalism>

63 Abdullah Öcalan (2022), *Beyond State, Power and Violence*, p. 186.

multidões quantitativas adquiram uma capacidade qualitativa que iguale sua quantidade”<sup>64</sup>. Qualquer comunidade antimonopolista é entendida como uma unidade, “desde a nação democrática até a associação de aldeia, desde uma confederação internacional até a loja do bairro”<sup>65</sup>. Todas essas unidades também podem ser entendidas como a sociedade moral e política.

Dado o desequilíbrio no nível de organização, a tarefa central é reconstruir as unidades da modernidade democrática e torná-las uma força eficaz. Öcalan enumera essas tarefas em três categorias e afirma: “Essas tarefas, que podem ser classificadas em três categorias principais, estão todas fortemente conectadas e têm dimensões intelectuais, morais e políticas”<sup>66</sup>. Cada unidade da modernidade democrática deve participar das tarefas intelectuais, morais e políticas. Ser uma entidade desse tipo requer ser ao mesmo tempo uma sociedade moral e política e participar das tarefas intelectuais, morais e políticas.

As características mencionadas anteriormente do Confederalismo Democrático se aplicam aos princípios de organização e governo das unidades da modernidade democrática. Estas devem se organizar na forma de contra-redes de contrapoder e assumir as três tarefas mencionadas anteriormente. No entanto, apesar da estreita relação entre essas tarefas, elas devem ser institucionalmente absolutamente independentes umas das outras para poder cumprir suas funções adequadamente. Como explica Öcalan: “Esclarecer a institucionalização requerida e as tarefas relacionadas a essas áreas, que se entrelaçaram bastante na história, e organizá-las para uma cooperação máxima são questões que devem ser resolvidas”<sup>67</sup>.

Historicamente, vários desenvolvimentos institucionais complexos ocorreram entre as unidades da modernidade democrática. A história e as experiências do socialismo em geral e das Primeira, Segunda e Terceira Internacionais em particular constituem uma referência para Öcalan: “Em certo sentido, as organizações fraternais combinam essas três tarefas, assim como os utopistas. As tarefas intelectuais, morais e políticas atingem sua funcionalidade e são cumpridas sob a direção de uma única pessoa, como em uma seita. Especialmente durante o período do socialismo real, as três áreas foram institucionalizadas na Liga Comunista e nas Primeira, Segunda e Terceira Internacionais. O Manifesto Comunista era efetivamente seu programa. Essas instituições compartilhavam as

64 Abdullah Öcalan (2020), *The Sociology of Freedom*, p. 315-316.

65 *Ibid.*, p. 317.

66 *Ibid.*, p. 316.

67 *Ibid.*, p. 317.

---

inclinações assimilacionistas da modernidade capitalista em relação a essas três tarefas”<sup>68</sup>.

Com relação à situação atual do intelectual, moral e político, Öcalan afirma que, na modernidade, o intelectual foi enclausurado na armadilha da universidade, enquanto a moral foi exposta a fortes ataques e, como resultado, enfrenta uma aniquilação completa. Ela foi substituída pelo direito positivo, fazendo com que seu papel desapareça na sociedade. O campo político, por sua vez, foi gradualmente forçado a se conformar com o corsete do parlamentarismo e praticamente paralisado sob a administração da burocracia do estado-nação. Portanto, assim como a moral, a política não pode mais desempenhar seu papel de forma real. Öcalan fala até da “morte real da política”<sup>69</sup> na etapa da modernidade capitalista e da decadência da moral e da esfera política como fenômenos do presente. Isso demonstra a urgência com que as unidades da modernidade democrática devem assumir as três tarefas se não quiserem impedir a completa desintegração de suas respectivas sociedades.

### **Tarefas intelectuais de um novo internacionalismo: a Confederação Mundial de Culturas e Academias**

Em *The Sociology of Freedom*, Öcalan aborda detalhadamente as tarefas intelectuais, morais e políticas de todas as unidades sociais na reconstrução da modernidade democrática. Formula princípios concretos para cada uma dessas três tarefas e os submete a debate. Esses princípios também podem ser entendidos como uma diretriz para a construção de um novo internacionalismo das forças da modernidade democrática.

Para a reorganização do campo de trabalho intelectual, a compreensão básica é que a solução para a crise intelectual do sistema só é possível por meio de uma nova revolução intelectual. Além disso, o trabalho intelectual na produção de conhecimento e na ciência deve ser desafiador por natureza, da mesma forma que os elementos de sua pesquisa devem conter necessariamente uma dimensão de resistência. Nesse sentido, tanto os próprios intelectuais quanto suas pesquisas adotam uma postura desafiadora contra a modernidade capitalista. Dado que os lugares fundamentais da pesquisa não podem ser as universidades e outras instituições oficiais da civilização e da modernidade capitalista, é necessária uma revolução institucional para as ciências sociais. Aqui, a intervenção da modernidade democrática em forma e conteúdo é crucial

68 Ibid., p. 317.

69 Ibid., p. 32.

diante da crise intelectual. Öcalan aponta que existe um rico patrimônio intelectual e científico de despertares revolucionários: “Dos socialistas utópicos aos socialistas científicos, dos anarquistas à Escola de Frankfurt, da filosofia francesa da segunda metade do século XX à revolução da cultura juvenil de 1968 e, finalmente, aos movimentos pós-modernos, feministas e ecologistas surgidos na década de 1990”<sup>70</sup>. A partir daí, a modernidade democrática deve realizar sua própria revolução intelectual e científica.

Para realizar o sucesso da revolução intelectual em nível global, Öcalan enfatiza a necessidade de um novo centro institucional global baseado nas lições das experiências históricas mencionadas, propondo a construção da “Confederação Mundial de Cultura e Academias”<sup>71</sup>. As características centrais desta confederação mundial seriam sua independência e autonomia em relação ao estado-nação e ao poder, bem como sua oposição aos monopólios capitalistas. A confederação poderia criar instituições com tarefas específicas em nível local, regional, nacional e continental. A participação de uma ampla gama de instituições culturais locais e academias regionais e nacionais poderia ocorrer com base em princípios comuns em relação a programa, organização e ação. Öcalan define essas instituições como “academias de política e cultura democráticas”<sup>72</sup> que podem fornecer o apoio intelectual e científico necessário para a reconstrução das unidades morais e políticas da sociedade.

Em relação aos princípios relativos à forma e ao conteúdo, de acordo com Öcalan, essas academias “devem ser autônomas e democráticas, formar seu próprio programa e seus próprios quadros, e basear-se no princípio de que seus membros são tanto estudantes voluntários como professores voluntários. É bastante fácil imaginar que, para começar, os cargos de professor e aluno serão facilmente intercambiáveis. Desde um pastor nas montanhas até um professor na cidade, qualquer pessoa que tenha uma ideia e um propósito deveria poder contribuir. Também podem ser apropriadas academias destinadas principalmente a mulheres, para permitir o tratamento científico dos aspectos singulares da realidade feminina, sem deixar de ter um conteúdo similar ao das outras academias. Para não ficar apenas no puramente teórico, buscar-se-ia a participação das mulheres em todos os aspectos da implementação. As academias seriam criadas e dirigidas em resposta às necessidades práticas, quando e onde surgissem”<sup>73</sup>. Uma vez

70 Ibid., p. 333.

71 Ibid., p. 333.

72 Ibid., p. 333.

73 Ibid., p. 333-334.

que uma contribuição intelectual e científica é absolutamente necessária para a reconstrução das unidades da modernidade democrática, essas academias são o lugar estratégico para satisfazer essa necessidade de ciência e desenvolvimento de seus próprios quadros.

### **Moralidades de um novo internacionalismo: A Confederação Mundial de Estudos sobre a Sacralidade e a Moral**

A determinação das tarefas morais que aguardam a modernidade democrática em sua reconstrução baseia-se na observação de que a crise global da modernidade é consequência da destruição da sociedade moral pelas forças da civilização de cinco mil anos. Segundo a dialética, a saída da crise deve ser buscada na reconstrução da sociedade moral. Öcalan define a moral como uma instituição social: “a fonte da moral e da democracia é uma e a mesma: a mente coletiva da prática social e sua capacidade de trabalho”<sup>74</sup>. A democracia participativa e direta é, portanto, a liderança moral e a vida ética da sociedade.

Quando examinamos mais de perto o processo de civilização, observamos que sempre houve uma tentativa de impor as normas estatais em detrimento dos valores morais. Segundo Öcalan, a sociedade da modernidade está experimentando uma “invasão da lei” ou “colonialismo legal”<sup>75</sup>. Isso se deve ao fato de que quanto mais normas legais existirem em um lugar ou instituição, mais eficaz será o monopólio da opressão e da exploração que existirá ali.

No entanto, referindo-se a numerosos incidentes históricos, Öcalan também aponta para a grande resistência da sociedade moral. As forças da civilização democrática nunca deixaram de insistir na moralidade contra a religião e a civilização que lhes são impostas. Öcalan vê os principais problemas e tarefas atuais em matéria de moralidade no posicionamento das forças democráticas: “Obviamente, o estudo da ética (a teoria da moralidade) como ramo das ciências sociais é uma tarefa a ser assumida no âmbito intelectual. A questão-chave, no entanto, é determinar como a ética se tornará um todo unido à sociedade e como a sociedade moral erodida será reequipada mais fortemente com a moral. A tarefa de reconstruir a moralidade não é apenas uma questão de sustentabilidade do século ou da modernidade atual, mas da própria sociedade”<sup>76</sup>.

As unidades da civilização democrática não podem se proteger com

74 Ibid., p. 337.

75 Ibid., p. 338.

76 Ibid., p. 342.

sucesso dos ataques realizados pelas forças da civilização e da modernidade capitalista com todo tipo de armas ideológicas, materiais e culturais, a menos que as forças democráticas realizem sua tarefa no campo moral. Sem moral, a sociedade não pode ser defendida. Assim como as tarefas intelectuais, uma das condições centrais para o sucesso das tarefas morais é a sua institucionalização. Nesse sentido, Öcalan afirma que “o ecumenismo católico ao estilo do Vaticano e as instituições do antigo califado que representam a ummah islâmica, juntamente com o judaísmo, o budismo e outras tradições morais e religiosas semelhantes, deveriam ser re-institucionalizados sob um mesmo teto para constituir uma instituição de representação global da moralidade. Se se concentrarem nas práticas éticas em vez da teologia, poderiam desempenhar um papel importante na reconstrução da sociedade moral e política em nome da humanidade”<sup>77</sup>. Também para isso, Öcalan propõe uma confederação como forma organizativa na qual as grandes ensinamentos morais se unam contra os embates da modernidade, formando uma institucionalização comum. Isso poderia ser similar à união dos Estados-nação sob o guarda-chuva da ONU. Para isso, Öcalan propõe a fundação da “Confederação Global de Sacralidade e Estudos Morais”<sup>78</sup>.

### **Tarefas políticas de um novo internacionalismo: A Confederação Mundial de Nações Democráticas**

Quanto aos princípios fundamentais que sustentam as tarefas políticas das forças da modernidade democrática, é importante destacar em primeiro lugar que a luta das forças antissistema nos últimos duzentos anos falhou e se encontra em um beco sem saída devido aos seus métodos e abordagens. Isso se traduz em chegar ao poder ou abandonar a arena política. No entanto, é possível apresentar uma alternativa desenvolvendo um sistema contra os três pilares da modernidade capitalista: capitalismo, industrialismo e Estado-nação. A sociedade democrática, a ecoindústria e o Confederalismo Democrático formam precisamente este contra-sistema sob o nome de “modernidade democrática”.

Durante a modernidade capitalista, o poder assedia a sociedade tanto interna quanto externamente e a converte em uma espécie de colônia interna. O Estado-nação, como forma de poder e modo fundamental do Estado, está em constante guerra com a sociedade. Essa realidade é a fonte da política de resistência. Dada essa situação na modernidade

77 Ibid., p. 344-345.

78 Ibid., p. 345.

capitalista, a política deve começar como resistência ao poder: “Já que o poder tenta conquistar e colonizar cada indivíduo e unidade social, a política deve tentar conquistar e libertar cada indivíduo e unidade social sobre a qual ele se baseia. Já que toda relação, seja de um indivíduo ou de uma unidade, está relacionada ao poder, também é política no sentido oposto. Já que o poder gera a ideologia liberal, o industrialismo, o capitalismo e o Estado-nação, a política deve produzir e construir uma ideologia de liberdade, ecoindústria, sociedade comunitária e Confederalismo Democrático. Já que o poder se organiza em cada indivíduo e unidade, em cada cidade e vila, em escala local, regional, nacional, continental e mundial, a política deve responder da mesma maneira. Já que o poder impõe numerosas formas de ação em todos esses níveis, incluindo propaganda e guerra, a política deve contrabalançar em cada nível com a propaganda apropriada e diferentes formas de ação”<sup>79</sup>. Nesse contexto, a modernidade democrática, como atualidade das forças da civilização democrática, representa a existência e a postura adotada por todos os indivíduos e unidades sociais cujos interesses e existência contradizem o sistema capitalista.

Como forma política básica da modernidade democrática, o Confederalismo Democrático desempenha um papel fundamental na tarefa de reconstrução. A linguagem da modernidade democrática é política. Prevê e constrói sua estrutura sistemática utilizando a arte da política. Öcalan define a política e o Confederalismo Democrático como os princípios da governança social que contrariam os fenômenos do poder e a estrutura do estado-nação da modernidade capitalista. Enquanto a modernidade capitalista sempre administra através de ordens, a modernidade democrática governa fazendo verdadeira política<sup>80</sup>, através do debate e do consenso. Öcalan define este sistema como um “novo mundo político”<sup>81</sup>. O Confederalismo Democrático oferece a possibilidade de uma nação democrática como meio fundamental para resolver problemas étnicos, religiosos, urbanos, locais, regionais e nacionais que surgem do modelo de sociedade monolítico, homogêneo, monocromático e fascista da modernidade que implementa o estado-nação.

Quanto às tarefas intelectuais e morais, Öcalan também propõe uma estrutura internacionalista na forma de confederações para as tarefas políticas: “A união global de nações democráticas, a Confederação Mundial de Nações Democráticas [ou Confederalismo Democrático

79 Ibid., p. 353.

80 Sobre a redefinição da política democrática, pode-se consultar o seguinte texto: <https://democraticmodernity.com/blog/the-redefinition-of-democratic-politics>

81 Abdullah Öcalan (2020), *The Sociology of Freedom*, p. 354.

Mundial], seria uma alternativa às Nações Unidas. As áreas continentais e os amplos espaços culturais poderiam formar sua própria Confederação de Nações Democráticas em nível local”<sup>82</sup>. Nestas confederações de Nações Democráticas, cada grupo étnico, cada orientação religiosa e cada realidade urbana, local, regional e nacional têm o direito de ser representado com sua própria identidade e estrutura federal democrática.

### **Teoria da modernidade democrática: um guia para a construção de um novo internacionalismo**

O objetivo da reconstrução da modernidade democrática é abordar todos os indivíduos e unidades sociais com uma compreensão sistemática - um paradigma - e uma prática, organizando-os e lançando-os à ação. Enquanto o sistema capitalista busca diariamente formas teóricas e práticas de sair dessa crise sem sofrer perdas significativas, os opositores do sistema atual não têm outra escolha senão desenvolver seu próprio sistema de compreensão e prática. No âmbito dessas atividades de construção, surgem sempre as três tarefas básicas mencionadas anteriormente. Sempre haverá a necessidade de realizar tarefas intelectuais, morais e políticas. Embora as abordagens estratégicas e táticas possam diferir de acordo com o contexto temporal e local, as tarefas nunca mudam sua natureza essencial. A interconexão das atividades com as tarefas intelectuais, morais e políticas é essencial aqui. Portanto, “a medida do sucesso dos indivíduos e organizações antissistema está relacionada à sua capacidade de abordar de forma coesa e eficaz as tarefas que enfrentam nesses três campos”, como explica Öcalan<sup>83</sup>. Somente quando as tarefas intelectuais, morais e políticas forem cumpridas, interligadas da maneira exigida pela sociedade moral e política, poderemos esperar alcançar a máxima liberdade, igualdade e democracia. Nesse sentido, a construção da Confederação Mundial de Culturas e Academias, da Confederação Mundial de Sacralidade e Estudos Morais e do Confederalismo Democrático Mundial constituem um guia concreto para o internacionalismo do século XXI e todos os passos necessários no caminho em direção à modernidade democrática.

82 Ibid., p. 357.

83 Ibid., p. 360.

Enquanto esses debates sobre a crise continuam tanto no âmbito das forças da modernidade capitalista como na oposição ao sistema, torna-se cada vez mais urgente para as forças da modernidade democrática estabelecer uma alternativa. Öcalan argumenta que a principal razão para essa falta de despertar dentro das forças antissistema é que ainda não completaram a revolução paradigmática necessária. E, conseqüentemente, não desenvolveram ainda a força suficiente em termos de análise, organização e ação. A seguir, apresentaremos o sistema alternativo da modernidade democrática e elaboraremos seu significado como nova escola de ciências sociais. Com uma definição do “Confederalismo Democrático Mundial”, ilustraremos os princípios para um novo internacionalismo e descreveremos as tarefas concretas para a construção da modernidade democrática.

email: [info@democraticmodernity.com](mailto:info@democraticmodernity.com)  
website: <https://democraticmodernity.com/>